



**Lélia Gonzalez: "A Lei
facilita a violência"**

(pág.14)

**Sentimento de Culpa
e Homossexualismo**

Crime e Incesto (pág.7)

*1º Encontro Feminista
Latinoamericano*

Sexo no Cinema Brasileiro (pág.6)

De Marilena a Béjart (pág.10)

Lélia Gonzalez: "A Lei facilita a violência"

Militante negra e feminista e professora de Estudos da Cultura Negra, na PUC, Lélia Gonzalez comenta aqui as suas idéias e analisa alguns aspectos do movimento feminista. Em julho do ano passado, Lélia foi uma das representantes brasileiras num congresso em Copenhague, onde nove mil mulheres de todas as partes do mundo se reuniram por 15 dias para falar e discutir seus problemas.

Liane dos Santos



— Qual foi o motivo desse Congresso na Dinamarca?

LG — Foi para fazer um balanço das atividades da década da mulher, que se iniciou em 1975.

— A que conclusão vocês chegaram?

LG — Concluímos que não houve grandes avanços. Discutimos temas como o desenvolvimento, a paz e a igualdade, mas percebemos que todo o terreno conquistado foi em consequência de uma iniciativa das mulheres, não por parte governamental. Somos nós, mulheres, que precisamos tomar uma iniciativa para mudar a situação.

— Como começou a conscientização da sua luta feminista?

LG — Através do casamento. Sou negra e casei com um homem branco. A mulher negra sofre uma discriminação

tríplice: social, racial e sexual. A questão racial está ligada diretamente ao feminismo e a mulher negra é o setor mais oprimido da sociedade. Basta lembrar que a distância salarial entre brancos e negros é maior do que entre homens e mulheres. Quando, em anúncios de jornais, surgem expressões tais como "boa aparência", o significado é que não se apresentem candidatas negras.

— Qual a importância que você vê em toda essa luta?

LG — A militância é importante para despertar a conscientização e permitir a crítica. Na maioria das vezes, tanto a mulher quanto o negro internalizam a própria desigualdade. Os casos de violência para com a mulher e os negros ocorrem em consequência de um racis-

mo e machismo desenfreado. A lei facilita essa violência criando artifícios para inocentar o opressor.

— Além de professora, qual o outro tipo de trabalho que você desenvolve?

LG — Sou membro da Comissão Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado. Desenvolvo um trabalho prático como militante negra. Tenho escrito também muitos trabalhos publicados em outros países e que pretendo reunir num livro.

— Além do livro, que outros projetos tem em mente?

LG — Fui convidada para pesquisar por um ano sobre mulher negra nos Estados Unidos e vou pra lá.

— O que é ser feminista?

LG — É tomar consciência da sua condição de mulher.

NEM TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA...

JOÃO CARNEIRO

Após Reich, ficou aberta a porta para a descoberta e a conquista, há que passar e caminhar em frente. Felizmente, o velho mestre assassinado não nos deixou nenhuma verdade absoluta, nenhum dogma, mas ficou uma luz: sexo e política são indissociáveis. É profundamente sexuada, por exemplo, uma assembléia de metalúrgicos, no ABC paulista; tal como radicalmente política é uma relação sexual. Porque também Lula é um símbolo sexual e também Sônia Braga é um símbolo político, claro que sim, Tudo, afinal, uma questão de orientação do orgasmo. Como bem diz nosso querido Eduardo Kac, nada mais político que o amor.

Tudo isso vem a propósito de uma briga que já encheu o meu e outros sacos. Tentarei explicar. Tem uma multidão, por aí, gritando que é sexualmente liberada; outra multidão proclama que é politicamente revolucionária. Porém, poucos liberados sexuais tem uma prática política digna desse nome, e poucos revolucionários são sexualmente liberados. Pior: na maioria, nossos candidatos ao poder não sabem nem preparar; nossos liberados são ou tendem a ser direitistas. E, é claro, estou chamando de direitistas tanto os órfãos de Stalin quanto os filhos de Hitler: todos cabem no mesmo saco de autoritarismo, todos são ditadores potenciais.

Quer, dizer, continuamos enfrentando as areias movediças da alienação, em perigo constante de cair nelas, como tem acontecido com aqueles cujo trabalho poderia e deverais estar produzindo frutos não-venenosos.

Não creio que exista liberdade política sem liberação sexual, nem acredito que exista libertação sexual sem liberdade política: basta olhar em volta e constatar. Porque não podemos dissociar o corpo como sujeito sexual, do corpo como força de trabalho. É tão necessário que o grevista se Santo André trepe bem e goze o prazer máximo, como é indispensável que a bicha da Cinelândia ou a esposa tijucana briguem por seus direitos e liberdades. Não são lutas separadas, comparimentos estanques: são faces diversas de uma mesma e única luta que, ou será sexualmente política e politicamente sexual, ou não será coisa nenhuma.

Infelizmente, o que vemos é um mútuo e recíproco voltar as costas; políticos e sexualistas se ignoram ou, o que é mais complicado, se degladiam com uma argumentação que, quando existe, não convence mais ninguém. Ou, então, uns tentam ganhar os outros para a sua causa, obrigando o vencido, depois, a abjurar de público sua postura anterior. Enfim, um espetáculo triste, mere-

cedor de vaias monumentais, e que só serve para reforçar, mais e mais, o inimigo comum, que não é nenhum tigre de papel.

Muito menos, a solução não está também nos núcleos políticos da luta sexual, nem nos núcleos sexuais da luta política. Menos, ainda, nas alianças ou conchavos: o resultado seria, apenas, a trágica soma de dois erros.

Que fazer, então?

Não, não tenho respostas prontas, soluções mágicas, fórmulas alquímicas, nem lâmpadas que iluminem as esquinas dos guetos da(s) vida(s). No máximo, tenho uma opinião, obviamente pessoal, certamente coincidente com outras opiniões, de outras pessoas. Acredito que devemos voltar a estaca zero e recomeçar tudo de novo. Creio que devemos refazer a nossa própria cabeça, todos nós, Repudiando preconceitos, descartando rótulos, renegando catalogações, abandonando teorias dogmáticas, recusando ortodoxias, despindo estigmas.

É, proponho a nudez como ponto de partida. Nudez interna, nudez externa, nudez total. Numa boa.

Claro, bem sei que há nus que melhor seria ficarem eternamente escondidos... mas, por isso mesmo também, proponho o nu. Deu pra entender?